

## (N)AS IMAGENS DE MULHER CONSTRUÍDAS (N)A E PELA MÍDIA

CARMEN L. H. AGUSTINI<sup>1</sup>  
MARGARETH MOREIRA SILVA<sup>2</sup>

**Resumo:** No presente artigo, objetivamos discutir e analisar os efeitos de sentido produzidos por imagens configuradas para a mulher na e pela mídia em recortes feitos de jornais. Trabalhamos, notadamente, com reportagens ou notícias sobre a mulher ocupante de cargos antes restritos ao homem. Objetivamos, ainda, explicitar que a nossa sociedade guarda (n)a memória de sentidos machistas e preconceituosos em relação à mulher que sai do âmbito do privado para o público, ou seja, a mulher que "ousa" ir além e que não se restringe aos afazeres domésticos e à família. No entanto, ao trazer à tona esses sentidos produz uma "mexida" nas redes de significação, produzindo um efeito de denúncia, o que nos autoriza falar em relações de sentido contraditórias perpassando a constituição dessas imagens. Para realizar nossas análises, filiamo-nos à Análise de Discurso de Linha Francesa, uma vez que essa teoria nos possibilita realizar uma leitura instrumentalizada do material recortado.

**Palavras-chaves:** Mulher, Mídia, Imagem, Efeito de denúncia, Análise do Discurso.

**Abstract:** In this article, the objective was to discuss and analyses the effects of sense produced by images reproduced to women in and by media in cutting newspapers that presents reporting or news about women in post jobs before restricted to men. Objective, still, explain that our society keeps in(the) memory of male-chauvinist and bias sense in relation to woman that moves from private to public extent, in other words, the woman that dares go beyond and that doesn't restrict to the domestic functions and to the family. However, when bring up theses senses produces a "mix" in the meaning, producing a denounce effect, which authorizes us to talk in contradictory relations of sense passing the constitution of these images. To achieve our analyses, we gathered to language analyses from French line, by the time this theory permit us to carry out a instrumental reading of cutting materials.

**Key-Words:** Woman, Media, Image, Denounce Effect, Language Analysis.

---

<sup>1</sup> Professora-orientadora. Doutora em lingüística pela UNICAMP. Professora no ILEEL-UFU. E-mail: agustini@ileel.ufu.br

<sup>2</sup> Aluna-bolsista. Projeto no.H-006/2005 CNPq/UFU. Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras do ILEEL-UFU. E-mail: mms0003@hotmail.com

## 1. Introdução. Propósitos e considerações

No presente artigo, objetivamos analisar as imagens de mulher produzidas na e pela mídia em um *corpus* constituído por reportagens sobre a mulher em cargos tipicamente masculinos. A pertinência deste trabalho se deve à configuração cultural de nossa sociedade calcada nos padrões europeus da cultura luso-espanhola. Com isso, a nossa organização familiar inscreve-se no modelo patriarcal de família, no qual a figura masculina detém o poder e voz em âmbito familiar; é o homem quem dita os comportamentos sociais a serem adotados por sua família, assim como é ele quem tem o direito de assunção à palavra.

Na organização patriarcal a mulher está subordinada ao homem; havendo, em decorrência, a configuração de papéis específicos para o homem e para a mulher. É importante ressaltar que o homem não está nessa posição de superioridade por fatores naturais e, sim, por “convenção” social; no entanto, o discurso do patriarcalismo torna essa relação de poder uma relação biológica e natural, apoiando-se, para tanto, na questão da fragilidade feminina e na maternidade. O patriarcado é um sistema

bem-sucedido, o que torna difícil pensar uma outra (possibilidade) de estruturação familiar.

Em decorrência do exposto, podemos dizer que há uma divisão desigual da ocupação de lugares sociais por parte do homem e da mulher. Cabendo, então, ao homem o domínio público e à mulher o âmbito do privado. A mulher deve cuidar da casa, organiza-la e cuidar dos filhos. Nesse sentido, à mulher é reservado, como lugar-de-direito, o âmbito doméstico e não o domínio (do) público. O homem, por sua vez, é liberado do compromisso de participação na (con)vivência familiar, sendo a ele atribuída a função de prover a subsistência da família.

Todos esses fatores contribuíram para produzir certas imagens de mulher em nossa sociedade e, conseqüentemente, há certa estabilização via historicização dessas imagens, o que culmina com a produção de estereótipos de como “ser mulher” em nossa sociedade. Fazem parte desses estereótipos as imagens de mulher como dona-de-casa, mãe zelosa, rainha do lar, etc. Há estereótipos que se fundamentam no discurso patriarcalista, como, por exemplo, aquele da mulher como responsável pela casa e pelos filhos

e outros que se fundamentam no discurso machista, como, por exemplo, o estereótipo da mulher como objeto-de-desejo. Esses estereótipos perduram nos dias atuais, ou seja, permanecem significando nas nossas relações sociais, a ponto de determiná-las, perpassando relações sociais em que, muitas vezes, não se (re)conhece tais sentidos, uma vez que se apresentam como "fatos" da ordem da normalidade cotidiana. É assim que reportagens produzidas para homenagear o dia internacional das mulheres acabam por trazer à tona sentidos preconceituosos e discriminatórios da mulher; afinal, não há como escapar aos sentidos em trânsito. Há um não-dito, por conseguinte, que se "adere" à formulação e que aí permanece fazendo sentido, sustentando o dito.

Outro fato a se considerar em relação aos dizeres (re)produzidos sobre as mulheres nessas reportagens midiáticas é o de que esses dizeres também estão sujeitos à "ordem do discurso"<sup>3</sup>, ou seja, às coerções sócio-históricas e ideológicas que estabilizam e sedimentam os discursos, submetendo-os a uma normatividade socialmente posta. Um sujeito não fala de qualquer lugar e, sim, dos lugares que ocupa na sociedade, ele

se localiza socialmente no discurso. Quando essa ordem sofre uma "mexida", ou seja, quando se desloca dos padrões estabelecidos há certo estranhamento, porque os sentidos se deslocam, "afastando-se" das interpretações estabilizadas, produzindo o diferente, rupturas na normalidade cotidiana. Como diria Foucault (1970, p.7), "o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra mas o desarma".

As reportagens midiáticas sobre mulheres que exercem profissões tidas como tipicamente masculinas, por outro lado, "mexem" na ordem do estabelecido, do que está estabilizado em nossa sociedade, provocando uma ruptura no que está posto, abrindo, dessa forma, a possibilidade de o diferente se estabilizar. Nessa perspectiva, quando em uma reportagem comemorativa do dia internacional da mulher observamos formulações como, por exemplo, as que se seguem abaixo<sup>4</sup>:

---

<sup>3</sup> Foucault, 1970.

---

<sup>4</sup> Enunciados recortados do Caderno Especial "Mulher" da Folha de São Paulo de 08/03/2005. Esses enunciados serão analisados no tópico: "Imagens díspares e subjetivação contraditória: analisando a formulação midiática sobre a mulher".

(1) Elas estudam mais, mas ganham muito menos.

(2) Sala de diretoria é reduto masculino.

(3) As [mulheres] que ousam buscar postos melhores sofrem.

(4) A mulher é vista como a funcionária que faltará para levar o filho ao médico.

(5) Por causa da dificuldade de competir e sobreviver em ambientes machistas, as mulheres tendem a ir para "guetos" femininos, como as áreas de educação e saúde e serviços domésticos.

Nesses enunciados, há marcas lingüísticas que participam efetivamente da produção de um efeito de denúncia. Por exemplo, a ressalva movimentada pelo operador argumentativo "mas" em (1); o verbo no presente do indicativo em (2), construindo o fato como algo da ordem da atualidade; a relativa em (3) que cinde o conjunto das mulheres em dois subconjuntos: o das mulheres que trabalham fora e o das mulheres que permanecem no âmbito do lar e os elementos lexicais "ousar" e "sofrem" produzindo uma implicação indireta, na qual "ousar" significa "sofrer". Em (4), a construção da imagem que se faz da imagem que se acredita ser a imagem de funcionária-mulher que o patrão faz. Já, em (5), destacamos uma outra cisão: a das

profissões "ideais" para homens e as "ideais" para mulheres.

Vale ressaltar, ainda, que em algumas profissões que a mulher já ocupa, o espaço é tão marcadamente masculino que, mesmo ela sendo exercida também por mulheres, mantêm-se as designações masculinas, como, por exemplo, no caso das mulheres que trabalham para o correio na entrega de correspondências. Elas são chamadas "carteiros", "mulheres carteiros" e não "mulheres carteiras". É preciso ressaltar, também, que na atualidade as relações sociais são outras, diferentes daquelas do auge do sistema patriarcal; afinal, a mulher já conseguiu muitas transformações em sua condição social. No entanto, o estereótipo de como ser mulher em nossa sociedade e as imagens a partir dele produzidas permanecem e seus vestígios perduram fazendo sentido em nossa sociedade, daí as mulheres que se "atrevem" a sair do âmbito do privado serem, ainda hoje, significadas como "liberadas".

Como a nossa questão é analisar a imagem que a mídia (re)produz para aquelas mulheres que romperam com a normalidade estabelecida de sua época, notadamente em relação à ocupação de

postos de trabalho considerados tipicamente masculinos, julgamos que, em a mídia, ao "noticiar" a presença da mulher em cargos tipicamente masculinos rememora esse estereótipo de como ser mulher produzido em uma conjuntura sócio-histórica determinada. Ele existe nas reportagens midiáticas significando e se (re)significando, visto que trazem em sua formulação marcas da condição feminina posta pelo patriarcado, o que não significa dizer que não tenha havido mudanças sociais. Houve mudanças, mas essas mudanças não foram suficientes para apagar esses sentidos em trânsito; afinal, ainda hoje, a mulher assume os deveres da casa e a criação dos filhos, por exemplo.

Os textos midiáticos rememoram esses sentidos que circulam na sociedade. Mas esse retorno não é da ordem da intenção do sujeito que enuncia, nem da ordem de uma discriminação desejada ou tematizada nas notícias. Esse retorno acontece porque não há como escapar aos sentidos em trânsito e porque os sentidos não "brotam" do sujeito. Ao transpor à notícia a assunção da mulher a um cargo considerado tipicamente masculino, essa assunção da mulher é significada como

"uma ruptura na normalidade cotidiana"<sup>5</sup>, o que reclama o retorno dos sentidos estabilizados enquanto não-dito que aí permanece significando e que, dessa forma, sustenta a formulação da notícia. É necessário, no entanto, asseverar que esse retorno não se dá como repetição, mas como presença do mesmo, do repetível no diferente, o que pode abrir para um movimento de estabilização do diferente em nossa sociedade, dos sentidos outros em relação de desigualdade-subordinação.

## 2. Considerações sobre a mídia

O objetivo precípua da mídia é o de (in)formar e entreter o público. No entanto, ela não o faz de um modo neutro, já que as informações são construções produzidas para atender aos interesses da emissora ou de grupos a ela ligados, na maioria das vezes, por fatores econômicos. Daí encontrarmos notícias sob um mesmo fato significando diferentemente. Nessa perspectiva, podemos dizer que as reportagens movimentam imagens e estereótipos que constituem o imaginário social. Decorre

---

<sup>5</sup> A Normalidade é relativa, uma vez que a consideramos como um logicamente estabilizado com relação de dominância em nossa sociedade.

desse fato o nosso interesse em analisar essas reportagens, uma vez que "se analisarmos o funcionamento discursivo da mídia, poderemos entrever esses movimentos de resgate da memória e de estabelecimento do imaginário de uma identidade social", como afirma Gregolin (2003, p.96).

Trabalhamos, portanto, com a análise de um "discurso sobre"<sup>6</sup>. Trata-se de discursos sobre a mulher que são (re)produzidos em reportagens impressas. A imagem de ser mulher dona-de-casa torna-se, nas reportagens, o liame de sua formulação, determinando-a, o que significa dizer que essa imagem do ser mulher em nossa sociedade perpassa as reportagens e aí significa e (re)significa as outras imagens possíveis de serem configuradas para a mulher. Nessa perspectiva, questionamos: Quais sentidos estão sendo (re)produzidos aí?

Essa questão se torna pertinente quando tomamos ciência de que a mídia participa de nossa (in)formação enquanto cidadãos e de que ela faz trabalhar o

retorno dos sentidos já estabilizados em nossa sociedade. Com efeito, a mídia rememora sentidos que circulam em nossa sociedade, formatando-os em uma direção possível e conforme à ideologia em dominância. Em relação à mulher, esse retorno rememora os lugares já-atribuídos ao homem e à mulher desde o Gênesis, livro considerado sagrado que aborda a criação do mundo por Deus e, por isso, tão aceito e respeitado por boa parte da humanidade.

Gregolin (2003, p.96) nos assevera que "uma das questões mais importantes a serem observadas, quando estudamos a mídia e toda a sua produção, é a de que ela produz sentidos através de um insistente retorno de figuras, de sínteses-narrativas e de representações que fazem parte do imaginário social". Isto nos possibilita dizer que a mídia retoma sentidos estabilizados na sociedade e que esses sentidos retornam (re)produzindo outros sentidos nos quais a imagem que é vista é (re)formulada a partir dessas (re)tomadas. Ao se dar esse retorno, a mídia assevera estereótipos e/ou formas simbólicas para o leitor representar a "sua" realidade.

Essas formas simbólicas e estereótipos são (re)tomados à sociedade

---

<sup>6</sup> "Consideramos que os 'discursos sobre' são uma das formas cruciais da institucionalização dos sentidos. É no 'discurso sobre' que se trabalha o conceito de polifonia. Ou seja, o 'discurso sobre' é um lugar importante para organizar as diferentes vozes (dos discursos de). (...) Ele organiza, disciplina a memória e a reduz". (Orlandi, 1990, p.37)

e transparecem nas reportagens sobre mulher. Ao dizer esse retorno acontece, porque há a determinação histórica dos sentidos. Ao exaltar que a mulher tem ascendido a áreas e ambientes profissionais tipicamente masculinos, ou seja, que elas começam a ocupar "guetos" masculinos, rememora-se sentidos que opõem um antes e um depois que se distinguem pelos direitos e deveres atribuídos a mulher em um momento e que se modificam em outro. Nesse sentido, a mídia está alimentando o imaginário social, porque rememora sentidos estabilizados para a mulher na sociedade e como o faz de um modo "lateral" em outros momentos, como nas propagandas - as propagandas mostram, como "pano de fundo" para a promoção de certos produtos, situações cotidianas em que a mulher aparece servindo a mesa enquanto a família, sentada e feliz, come ou aparece cuidando dos filhos, da casa, etc. - a mulher em cargos "masculinos" é vista como exceção e, por isso, essa situação não é para a maioria.

### 3. O *corpus* constituído

Os textos analisados foram retirados do jornal Folha de São Paulo de

08/03/2005 e compõem o Caderno Especial "Mulher", confeccionado em comemoração ao dia internacional da mulher. Também compõem o nosso *corpus* de análise reportagens sobre a mulher em cargos considerados tipicamente masculinos veiculadas na mídia impressa. Em relação ao primeiro conjunto de textos, questionamos: Por que ao falar sobre e das mulheres em matéria comemorativa ao dia internacional da mulher vem à tona a questão do trabalho?

Essa questão aponta para o fato de que a mulher viveu e vive conflitos em relação ao trabalho. O dia internacional da mulher, por exemplo, foi instituído para memorar uma questão trabalhista. O dia oito de março faz menção a um acontecimento histórico: no dia oito de março de 1857, em Nova Iorque, várias operárias de uma fábrica entraram em greve para reivindicar melhores condições de trabalho, dado que trabalhavam mais de dezesseis horas por dia e recebiam por seu trabalho menos de um terço dos salários pagos aos homens.

Os patrões inconformados com tal fato fecharam a fábrica e atearam fogo, causando a morte de mais de 130 mulheres. Em 1910, na Dinamarca,

durante uma conferência internacional de mulheres, resolveu-se "comemorar" no dia oito de março o dia internacional da mulher. As mulheres conseguiram grandes mudanças a partir de então, mas estas não são suficientes para nos autorizar a dizer que exista igualdade de direitos e deveres socialmente instituídos entre os sexos.

#### 4. Imagens díspares e subjetivação contraditória: analisando a formulação midiática sobre a mulher

O nosso objetivo é analisar as reportagens midiáticas que falam sobre a mulher, já que a nossa sociedade guarda (n)a memória os sentidos que significam a mulher e sua conduta social - incluindo aí o cargo que exerce. Esses sentidos significam nas relações sociais de que a mulher participa.

Para realizarmos a presente análise, filiamo-nos à Análise de Discurso de linha francesa, por ela nos possibilitar uma leitura instrumentalizada dos materiais recortados. Ao trabalhar a materialidade simbólica e a materialidade histórica é possível empreender uma leitura fundamentada em relações entre formulação, modo de dizer e condições de

produção. A dupla constituição do discurso, simbólico e histórico, nos permite trabalhar o discurso como um "espaço regulado de dispersão de enunciados que produz efeitos de sentidos entre locutores" (Pêcheux 1969, p.82).

O título de uma das matérias, produzidas pela Folha de São Paulo de 08/03/2005, é reproduzido em (6):

(6) Elas estudam mais, mas ganham muito menos.

No recorte (6) acima, observamos um apagamento do segundo termo da comparação formulada. O segundo termo da comparação aparece elíptico porque a memória, que constitui o não-dito que sustenta a formulação, social e historicamente constituída, rememora essa diferença como já-dito. É por isso que o leitor, sujeito constituído nessa rede de memória interdiscursiva, reconhece o segundo termo da comparação como sendo o termo "homem".

Essa comparação produz uma diferença entre a condição do homem e a condição da mulher em relação ao mercado de trabalho, cujo operador argumentativo "mas" produz uma ruptura da "implicação lógica" de que aquele que estudar mais implica melhores salários, já



que o mercado anseia por mão-de-obra qualificada. Dessa ruptura advém o efeito adversativo da relação entre as orações.

"Estudar mais" funciona como sinônimo de "bons salários"; porém, em relação às mulheres, essa lógica não se dá. Por conseguinte, considerando as condições de produção desse texto, há a produção de um efeito de denúncia, já que se dá visibilidade social à diferença de condições do homem e da mulher em relação ao trabalho.

Nesse sentido, o advérbio "muito" que qualifica "ganham menos" assevera essa diferença de condição, o que corrobora a produção do efeito de denúncia aí instaurado.

Vale ressaltar, no entanto, que a presença do enunciado (7) no texto da reportagem produz uma ambigüidade que nos autoriza outra leitura do mesmo enunciado:

(7) Existem 30% mais mulheres do que homens estudando nas universidades; no mercado [de trabalho] homens ainda são a maioria.

Nesse enunciado, aparece uma quantificação percentual do número de homens e mulheres que cursam universidade, o que desloca a comparação

de uma questão qualitativa para uma questão quantitativa. Nessa perspectiva, a "implicação lógica" rompida refere-se à quantidade de mulheres qualificadas e o número de postos de trabalho por elas ocupados. Daí questionarmos: se o mercado de trabalho anseia por mão-de-obra qualificada, por que as mulheres são minoria no mercado de trabalho?

Em (7), o ponto-e-vírgula assume o valor adversativo que, em (6), foi lingüisticamente marcado pelo operador argumentativo "mas", o que nos permite dizer que o sentido adversativo não reside na materialidade lingüística de um item lexical, mas na "cola" interdiscursiva dos sentidos rememorados no dizer. Nesse sentido, "no mercado homens ainda são a maioria" constitui uma (re)formulação denegativa do não-dito presentificado no dizer pela formulação que faz significar, na lógica de nossa sociedade, que o mercado de trabalho estaria preenchido mais por mulheres do que por homens, o que é apresentado como não condizendo com a verdade.

Com esse enunciado, observamos que o mercado de trabalho não está dando espaço para mulheres qualificadas, o que produz um efeito de denúncia: denuncia-se o preconceito e a discriminação que a

mulher sofre em relação ao mercado de trabalho.

Em outra reportagem aparece o enunciado (8) abaixo, que pode ser visto como uma reescritura do enunciado (7), apontando para a repetibilidade desses sentidos em outras vozes.

(8) a igualdade entre os sexos ainda está distante, apesar de as mulheres já serem maioria nas universidades continuam em posições de segundo plano nas empresas.

Em ambas as formulações, há a construção de uma ressalva que explicita a diferença de condição entre homens e mulheres e que faz significar o lugar inferiorizado que a sociedade relega à mulher, apontando para a discriminação sofrida.

Em (8) abaixo, formula-se um motivo para a diferença de condição entre homens e mulheres em relação ao mercado de trabalho.

(8) A mulher é vista como a funcionária que faltará para levar o filho ao médico.

A formulação de (8) é sustentada por um não-dito que aí é rememorado e que apregoa a responsabilidade da mulher pela maternidade: maternidade é coisa de mulher, por isso cabe a ela cuidar e educar os filhos. O homem está liberado

de tal responsabilidade; sendo, por isso, visto como funcionário ideal, já que pode se dedicar exclusivamente ao trabalho.

Em decorrência, podemos dizer que os sentidos movimentados pelo patriarcado ainda estão presentes na nossa sociedade e nela significam, o que autoriza a formulação de enunciados como, por exemplo, o enunciado (9) abaixo:

(9) As [mulheres] que ousam buscar postos melhores sofrem.

Em (9), instaura-se uma cisão no conjunto das mulheres: há as mulheres que não sofrem porque permanecem no lugar a elas atribuído e há aquelas que sofrem porque se "rebelam". O verbo "ousar", no dicionário Houaiss eletrônico, apresenta as seguintes definições: 1. arriscar-se com audácia a, atrever-se, decidir-se; 2. tomar a decisão de, decidir e 3. tentar realizar (algo inusitado, difícil, diferente, etc.). Portanto, é necessário sofrer, é necessário ousar, caso contrário, a mulher estará fadada a postos [de trabalho] inferiores.

O enunciado (10) parece escapar às formulações já analisadas. Trata-se de um texto em que se narra a trajetória de sucesso de uma mulher que na atualidade

preside uma empresa de tecnologia da informação. O subtítulo da seção é "Minoria forte" e apontam-se as restrições e privações que a mulher sofre para lograr êxito no mercado de trabalho.

(10) O marido raramente viaja ou chega tarde do trabalho. "Quando meu filho acorda à noite, é pelo pai que ele chama", conta.

Nesse sentido, há no não-dito do enunciado e aí significa o que poderia ser formulado da seguinte forma: a esposa diariamente viaja ou chega tarde do trabalho; por isso, é o pai que o filho procura e não a mãe. Em decorrência, esse enunciado funciona no equívoco, visto que pode ser lido como exaltação às conquistas femininas, ao mostrar uma mulher ocupando um lugar considerado de homem e o homem exercendo funções que nossa sociedade relega à mulher. Ou pode ser lido como apontamento de restrições que a mulher terá de enfrentar ao "ousar" sair da normalidade instituída.

Segundo Orlandi (*apud* Lucas, 1998, p. 114),

o silêncio é trabalhado como "sendo um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é um,

para o que permite o movimento do sujeito".

Por essa definição, consideramos que, com o silêncio, outros sentidos vêm à tona. Portanto, o silêncio é importante e necessário à linguagem, já que permite que outros sentidos façam sentidos, ou seja, faz com que o não-dito também signifique. Segundo Orlandi (*apud* Lucas, 1998), a linguagem empurra o que ela não é para o nada. Mas o silêncio significa esse nada se multiplicando em sentidos. Quanto mais falta, mais silêncio se instala, mais possibilidades de sentidos se apresentam.

No material que ora analisamos, o silêncio está significando; visto que, ao dizer que "o marido raramente viaja ou chega tarde em casa", a reportagem está silenciando que esses acontecimentos seja típico de cargos exercidos por homens e não por mulheres; afinal, como dito anteriormente, o capitalismo exige um funcionário ideal, pronto para o trabalho e quem preenche essas exigências, conforme os sentidos dominantes em nossa sociedade, é o homem e não a mulher. Os sentidos sedimentados ao longo da história nos possibilitam dizer que é dada a mulher a função de cuidar dos filhos, de sua prole, é ela quem tem

que estar pronta para atendê-los quando eles chamam, ao marido é dada a função de prover a subsistência da família. Esses sentidos estão postos na nossa sociedade e o silêncio os traz à tona justamente por mexer no estabilizado.

(11) Mas há ainda uma terceira vertente, que será responsável por uma transformação no mundo profissional. "As profissões exclusivamente masculinas estão deixando de sê-lo. Acredito que, hoje, as mulheres já são maioria na medicina e na odontologia e devem estar perto disso no direito e na engenharia".

Observamos em (11) acima que, segundo Authier (1990), um dizer-outro se inscreve no dizer do locutor, sem que haja interrupção no fio do discurso, as palavras do outro é marcada pelo uso de aspas. Esse recurso atenua o grau de comprometimento do locutor com a afirmação enunciada.

O locutor, assim procedendo, ao dizer que "as profissões exclusivamente masculinas estão deixando de sê-lo", mostra que há outro(s) sentido(s) significando, na ordem do não-dito, que as colocam como profissões masculinas. Há, portanto, uma ressonância de sentidos

outros na e pela enunciação. A importância da "tentativa" de demarcar no dizer o dizer do outro se revela no efeito de que o sujeito consegue separar o que é seu do que é de outros ao enunciar, permitindo-se, assim, retomar enunciados de outros discursos; nesse caso, os sentidos retomados inscrevem-se no discurso patriarcal e, portanto, traz à tona sentidos discriminatórios em relação à mulher e o trabalho. A heterogeneidade, no entanto, não está presente apenas aí. A heterogeneidade é constitutiva dos dizeres. Em "Acredito que, hoje, as mulheres já são maioria na medicina e na odontologia", por exemplo, ressoam aí sentidos que mostram que, em outro momento, a medicina e a odontologia já foram significadas, em nossa sociedade, como profissões masculinas. Em um dizer há diferentes discursos perpassando-o. Assim, ao mesmo tempo em que essas reportagens procuram enaltecer a presença da mulher na área profissional, alçam o fato noticiado à ordem da "anormalidade" e acabam, dessa forma, rememorando sentidos discriminatórios que norteiam a mulher em nossa sociedade. Assim sendo, é possível dizer que há uma contradição constitutiva dos dizeres sobre a mulher, independente de

qualquer boa intenção que o redator possa ter ao produzir essas reportagens.

(12) Em maioria numérica, elas chegam aos 'guetos'. Antigos redutos masculinos, como direito, medicina e odontologia, já recebem grande afluxo de mulheres.

O enunciado (12) pertence a um texto que também foi publicado pela Folha de São Paulo em comemoração ao dia internacional da mulher. A dicotomia temporal aí significada produz um retorno à memória dos sentidos que pontuam a diferença de condição entre homens e mulheres, rememorando-os.

Por outro lado, pontuam que, ao se mostrar que elas chegam aos "guetos" masculinos, esses "novos" espaços ocupados por elas mostram que a mulher nunca esteve inserida no mercado de trabalho como um todo e que, de fato, existem os "guetos" masculinos. Essa reportagem traz à tona que há uma divisão desigual do trabalho entre homens e mulheres e que essa divisão desigual resulta da discriminação que a mulher sofreu (e sofre) em nossa sociedade.

Vale ressaltar ainda que o item lexical "gueto" aparece aspeado no enunciado (12), o que produz o efeito de que o sentido dado a ele não é bem o

sentido que lhe é comumente atribuído. No dicionário Houaiss eletrônico, há as seguintes definições para "gueto": 1. bairro de uma cidade onde vivem os membros de uma etnia ou outro grupo minoritário; 2. todo estilo de vida ou tipo de existência resultante de tratamento discriminativo. Os sentidos apresentados pelo dicionário contradizem o sentido que "guetos" assume nesse dizer, uma vez que os homens não são minorias. A ênfase é posta no fechamento ou isolamento que o item "gueto" faz significar.

Se não considerarmos as condições em que esse enunciado foi produzido, é possível fazer outra leitura e compreendê-lo uma afirmação de que há lugares específicos para ambos os sexos e que as mulheres estão "invadindo-os". No entanto, trata-se de reportagem produzida em comemoração ao dia internacional da mulher e que, portanto, está exaltando suas conquistas no âmbito profissional. É por isso que a reportagem traz que seria "padrão" as mulheres optarem por áreas "mais permeáveis" a elas e que tais áreas chegariam a se tornar "guetos" femininos. No entanto, as mulheres estão cada vez mais ocupando funções desempenhadas somente por homens no passado.

Observamos ainda que na divisão desigual ao trabalho, a idéia de guetos é retomada pelo sujeito via memória discursiva, já que até meados da década de 70 do século XX as mulheres exerciam funções que eram restritas ao gênero feminino, mas assim acontecia, porque não lhe era permitido ocupar outras funções. É relevante lembrarmos que até bem pouco tempo a mulher para poder trabalhar fora precisa de autorização por escrito do marido.

(13) Sexo frágil tem voz forte em 80% das compras.

O termo "frágil", que qualifica "sexo", se opõe à "forte" e, por isso, pré-constrói "sexo forte". Em nossa sociedade, esses termos referem-se à mulher e ao homem, respectivamente. Nesse sentido, a mulher é vista como débil, franzina, delicada, fraca, etc. Essa imagem produzida para a mulher, muitas vezes, tornou-se argumento para associar mulher e lar, homem e trabalho.

Em relação a esse enunciado, se não considerarmos as condições em que foi produzido, poderemos compreendê-lo como sendo uma afirmação positiva em relação à mulher. No entanto, faz parte de um texto no qual a mulher é significada

como consumista e sem autocontrole. Tanto é assim que, na seqüência, temos:

(14) Elas são mais dispersas, entretêm-se com novos produtos, daí a necessidade de uma relação de compras.

A formulação comparativa apaga o segundo termo da comparação; no entanto, mantém-se na ordem do não-dito e aí significa, sustentando a comparação. Trata-se de uma comparação em que se destaca uma diferença entre a mulher e o homem e que significa negativamente a mulher e positivamente o homem.

Essa reportagem destoa das outras em que são mostradas as conquistas das mulheres no mercado profissional. No entanto, também faz parte do conjunto das reportagens produzidas pela Folha de São Paulo em comemoração ao dia internacional da mulher. Dessa forma, ao mesmo tempo em que se mostra a mulher como "ousada", apontando para uma característica determinante nas conquistas alcançadas: a persistência, também se mostra a mulher consumista e sem autocontrole. Isto desloca a reportagem e traz à tona sentidos pejorativos para a mulher em oposição a sentidos positivos para o homem.

(15) Representação aumenta à sombra do machismo.

Esse enunciado faz significar, de modo implícito, que a mulher está à margem da sociedade. Se a representação começa a aumentar é porque antes pouquíssimas mulheres trabalhavam fora. No entanto, essa representação é ínfima, tanto que persiste "à sombra do machismo". Ou seja, o machismo (ainda) faz sombra para a representação feminina em nossa sociedade. Esses sentidos se coadunam ao enunciado abaixo.

(16) Presença da mulher na sociedade cresce, mas violência e machismo impõem grandes obstáculos.

O enunciado (16) assevera os sentidos movimentados pelo enunciado anterior. Tanto é assim que, no enunciado (15), aparece o termo "representação" que se opõe a uma participação efetiva da mulher. O texto direciona sentidos para essa compreensão, notadamente destaca o âmbito da política, como é possível ver no dizer de uma participante da 49o. Conferência sobre a situação da mulher, realizada pela ONU, com o intuito de "estimular a igualdade entre os sexos":

"ainda não avançamos em áreas como representação política".

(17) Houve conquistas, mas continuam mobilizadas na luta pela igualdade.

O operador argumentativo "mas" reforça o sentido adversativo que a determinação histórica dos sentidos faz emergir entre "conquistas" e "igualdade". A mulher precisa lutar ainda para alcançar, pelo menos, os direitos iguais.

Maingueneau (*apud* Azambuja 2005, p.46), em seus estudos sobre o funcionamento do "mas" argumentativo, mostra que, na formulação P mas Q, o Q se torna o argumento mais forte. Por isso, em (17) o sentido de que a mulher precisa lutar pela igualdade prevalece. As conquistas, principalmente, na política são pequenas, conforme a reportagem: "Se o legislativo depender das mulheres para criar leis de promoção da igualdade, o avanço será lento. Elas totalizam só 11,1% do Senado e 8,7% da Câmara".

A presença da mulher chega a ser tão ínfima que se torna impossível votar determinadas leis de promoção da igualdade entre os sexos. Outro dado a se considerar em relação à presença da mulher na sociedade é que, mesmo quando isso acontece, ela sofre agressões

físicas ou verbais em casa ou em ambiente público por ocupar um lugar no mercado de trabalho que, em nossa sociedade, ainda é visto como um lugar de homens.

Outras reportagens significam a mulher como "propriedade" dos homens, mostrando que "o machismo impõem grandes obstáculos a emancipação". As mulheres são tratadas como propriedade de seus maridos, os detentores do direito de decidir por ele e pela mulher. Nossa sociedade persevera nas sombras do machismo.

Dada a necessidade de a mulher vender sua força de trabalho, seu ingresso no mercado de trabalho afeta a forma de se ver a mulher em nossa sociedade, o que produz uma multiplicidade de sentidos sobre "ser mulher". "Os vínculos foram modificados especialmente pelo ingresso da mulher no mercado de trabalho", isso significa que a mulher, ao ingressar no mercado de trabalho, está modificando a estrutura familiar.

Os problemas advindos dessas mudanças, uma vez que os homens praticamente não mudaram suas posturas, são atribuídos à mulher. Se não há com quem deixar o filho para ir trabalhar, a culpa é da mulher que trabalha, etc. Essa

"culpa" movimenta e desloca sentidos que rememoram o Gênesis da Bíblia, livro em que se narra a história de Eva e Adão. Eva, ao fazer Adão comer do fruto proibido, atrai sobre eles a ira de Deus, que os expulsa do paraíso e os condena a viver do fruto do próprio trabalho. Daí Adão culpar Eva pelas "desgraças" vividas por eles.

Quando a mídia retoma esses sentidos, em reportagens comemorativas do dia internacional da mulher, (re)significa o imaginário social, fornecendo ao leitor formas simbólicas e estereótipos sobre a mulher; dessa forma, nossa sociedade incorpora, se apropria de sentidos contraditórios, o que provoca processos de subjetivação contraditórios nas mulheres que se vêem, "obrigadas" pela própria culpa que assimilam, na condição de ter de se tornar uma "supermulher" e, assim, ser mãe, mulher, esposa, trabalhadora, etc.

## 5. Considerações finais

Ao longo de nossas análises, observamos que as reportagens midiáticas analisadas são constituídas por uma pluralidade de discursos que se entrecruzam na produção dos sentidos e,



por conseguinte, das imagens de mulher aí movimentadas e (re)produzidas.

Nas reportagens, portanto, está presente o discurso jornalístico e outros discursos, já que não se restringe mostrar o que se passa em nossa sociedade; há valorações, embora se objetive a apagar as marcas lingüísticas (explícitas) de subjetividade e, assim procedendo, se produza um efeito de neutralidade.

A neutralidade é da ordem dos efeitos; ao dizer se direciona sentidos e é impossível escapar a essa imposição da linguagem; daí dizermos que não há como não ser ideológico. As reportagens não escapam a esse processo, direcionam sentidos e, portanto, são ideológicas.

Há, por isso, uma heterogeneidade discursiva que é parte constitutiva do processo de produção de sentido(s). Tanto é assim que, em enunciados como "As profissões exclusivamente masculinas estão deixando de sê-lo" ou "Elas são mais dispersas, entretêm-se com novos produtos, daí a necessidade de uma relação de comprar", há discursos outros que perpassam a formulação. Uns permanecem na ordem do não-dito, mas significando, outros transcendem à formulação. Daí Orlandi (1992) dizer que

para se dizer algo é necessário silenciar outros dizeres possíveis.

Por outro lado, observamos que houve um deslocamento dos sentidos em relação aos dizeres sobre as mulheres que ocupam cargos antes ocupados apenas por homens. Embora as formulações tragam à tona sentidos estáveis do "ser mulher" em nossa sociedade, (re)tomando estereótipos e formas simbólicas que constituem o imaginário social, há uma "mexida" nas redes de significação, o que faz do mesmo um diferente e, dessa forma, se produzem outras imagens do "ser mulher", o que corrobora a emergência de processos de subjetivação contraditória, instituindo a "supermulher" como uma forma de ser mulher em nossa sociedade<sup>7</sup>.

Nas reportagens analisadas, se produz um efeito de denúncia. Há formulações, notadamente as adversativas e as concessivas, que produzem esse efeito, uma vez que apontam para uma falta sempre presente: a falta de igualdade de direitos e deveres entre os sexos. Essa falta significa nos textos em comemoração ao dia internacional da mulher e direciona

---

<sup>7</sup> A professora-orientadora abordou essa questão em seu trabalho "Processos de identificação e modos de subjetivação pelo Outro (im)postos à mulher", apresentado no XXI Encontro Nacional da Anpoll, realizado de 19 a 21 de julho de 2006, na PUC de São Paulo.

os sentidos para a necessidade de as mulheres se mobilizarem e perdurarem na luta pela igualdade, já que "conquistas" importantes foram alcançadas.

Nessa perspectiva, o enunciado "sala de diretoria é reduto masculino", se configura como uma denúncia de que, apesar de haver mulheres capacitadas para exercer cargos de diretoria, as diretorias são compostas por homens. Portanto, há lugares exclusivamente masculinos e as mulheres precisam se mobilizar em relação a isto.

Outro enunciado que produz efeito de denúncia é: "O resultado da pouca agressividade feminina é que, quando as oportunidades surgem, os homens indicam seus amigos. Até 80% dos cargos são preenchidos por indicação". Esse enunciado se configura como uma denúncia, visto que, conforme Payer (2004), a denúncia é "o efeito de um sujeito enunciativo que tem certeza do que diz", fazendo funcionar uma relação imaginária com a verdade e com o outro, em que o sujeito do dizer tenta sustentar, e mesmo defender, aquilo que diz como sendo um dizer verdadeiro.

Nesse sentido, chama a atenção o modo como na escrita dessas reportagens se configura um modo de enunciação que

se assemelha ao da denúncia. Os recortes analisados mostram que não se trata de "comemorar", mas de denunciar fatos à sociedade. Procura-se dar visibilidade social a fatos vivenciados por mulheres em seu cotidiano.

Concluimos, então, que os textos trabalhados mostram, ou seja, denunciam a discriminação à mulher, convocando-as a lutar por melhores condições de vida e de trabalho, a lutar pela igualdade de direitos e deveres entre os sexos, é o que transparece em enunciados, como, por exemplo, "As mulheres já perceberam que, se não quiserem ficar para trás, precisam se mobilizar".

Há outras reportagens que começam a dar visibilidade social à mulher bem-sucedida profissionalmente e as apresentam como mulheres fortes e vencedoras. Nesse caso, o termo 'vencedora' amplamente utilizado nessas reportagens convoca uma pluralidade de sentidos: "vencer na vida", "vencer preconceitos", "vencer as barreiras sociais", "vencer os machismos", etc. Isto se dá porque "vencer" rememora sentidos de disputa, litígio em que um se sobrepõe a outro.

Essas reportagens sustentam o imaginário social e, principalmente, o

imaginário feminino de que é possível "vencer", ou seja, chegar a ocupar um cargo considerado tipicamente masculino e ser bem-sucedida, o que funciona para reforçar a convocação à mulher para perseverar na luta pela igualdade entre os sexos.

Finalmente, concluímos que a mídia (re)toma sentidos já sedimentados em nossa sociedade ao longo de nossa história e que, inconscientemente, se traz à tona. No entanto, isso se dá porque os estereótipos de mulher deles decorrentes permanecem significando em nossa sociedade. Se não há um sentido nas redes de memória, não há como (re)produzido; é preciso que ele exista antes como possibilidade interdiscursiva para que se transpasse à formulação.

#### Bibliografia

- ACHARD, P. et. alli. *Papel da memória*. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- ANDRADE, E. "Somando papéis sociais: Trajetórias femininas e seus conflitos". In: *Caderno espaço feminino*. Revista do núcleo de estudos de gênero e pesquisa sobre mulher. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. v.2, no. 1/2, ano II, 1995.
- AVELAR, L. *Mulheres na elite política brasileira*. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer e EDUNESP, 2001.
- AUTHIER, J. "Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso". In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, no.19, 1990.
- AZAMBUJA, E. *Olhares e vozes que excluem*. O estereótipo do índio. Cáceres, MT: UNEMAT, 2005.
- BORGES, D. "As revistas femininas e o papel da mulher nos anos 70-90". In: *Caderno espaço feminino*. Revista do núcleo de estudos de gênero e pesquisa sobre mulher. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. v.1, ano I, 1994.
- DUCROT, O. "Referente". In: *Einaudi*, 2. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984a.
- DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1984b.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1970.
- GADET, F. e HAK, T. *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: EDUNICAMP, 1969.
- GREGOLIN, R. "O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo". In: Gregolin, R.

et al. (orgs.) *Discurso e mídia*. A cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.

GRIGOLETTO, E. "A mídia a serviço da religião: o entrelaçamento de vozes no discurso da renovação carismática católica. In: *Organon*, no.23, 2002, p. 50-64.

GUERRA, C. "Todo dia ela faz tudo sempre igual?". In: *Caderno espaço feminino*. Revista do núcleo de estudos de gênero e pesquisa sobre mulher. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. v.2, no. 1/2, ano II, 1995.

GUIMARÃES, E. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas, SP: Pontes, 1995.

HAHNER, J. *Emancipating the female sex – the struggle for women's rights in Brazil, 1850-1940*. Durham, London: Duke University Press.

LUCAS, Clarinda. "A noção de silêncio e os sem-teto no discurso jornalístico". In: *Rua*, no.4, Campinas, SP: UNICAMP, 1998, p.111-126.

MARIANI, B. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP: EDUNICAMP.

MARIANI, B. "Discurso e instituição: a imprensa". In: *Rua*. Revista do Núcleo de

Desenvolvimento da Criatividade da UNICAMP – NUDECRI. no.5, mar. 1999.

MENEGUELLO, C. "Mulher e mídia nos anos 50. Reflexões sobre a documentação". In: *Caderno espaço feminino*. Revista do núcleo de estudos de gênero e pesquisa sobre mulher. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. v.2, no. 1/2, ano II, 1995.

MORAES, D. de. *O concreto e o virtual: mídia, cultura e tecnologia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ORLANDI, E. *Terra à vista. Discurso de confronto entre o velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: EDUNICAMP, 1990.

ORLANDI, E. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: EDUNICAMP, 1996.

ORLANDI, E. *Discurso fundador. A formação do país e a construção da identidade nacional*. 2ª. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PAYER, O. *Enunciação, denúncia e memória*. 2004. Cópia eletrônica fornecida pela autora.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento?* Campinas, SP: Pontes, 1990.